

'Por seres quem me foste, grave e pura em tão doce surpresa conquistada por seres uma branca criatura de uma brancura de manhã raiada

por seres de uma rara formosura malgrado a vida dura e atormentada por seres mais que a simples aventura e menos que a constante namorada porque te vi nascer, de mim sozinha como a noturna flor desabrochada a uma fala de amor, talvez perjura por não te possuir, tendo-te minha por só querer tudo, e eu dar-te nada hei de lembrar-te sempre com ternura.

Soneto de Quarta-feira de cinzas

Rio, 1941

Passem-se dias, horas, meses, anos amadureçam as ilusões da vida prossiga ela sempre dividida entre compensações e desenganos.

Faça-se a carne mais envelhecida diminuem os bens, cresçam os danos vença o ideal de andar caminhos planos melhor que levar tudo de vencida. Queira-se antes ventura que aventura à medida que a tâmara embranquece e fica tenra a fibra que era dura.

E eu te direi: amiga minha, esquece... que grande é este amor meu de criatura que vê envelhecer e não envelhece.

Soneto de aniversário

Rio, 1942

Vinicius de Moraes: Livro de Sonetos, 2013, 8ª reimpressão.

Editora Schwarcz S.A. - www.companhiadasletras.com.br - gentileza de Látvia Lacerda.

Sertanejo extasiado ante roçaria virente milharal apendoado vazante verde, silente.

Dias da Silva, 1103 Binóculo ivonildias@secrel.com.br jbatista@unifor.br

Nossa terra e a terra lusa, na doce língua que as liga, são cordas nas mãos da musa, cantando a mesma cantiga.

Dorothy Jansson Moretti, 0003 Fanal: Rua Álvares Machado 22, 2º 01501-030 - São Paulo/SP

Sei cantigas misteriosas, cantigas de enoidecer. Que os silfos, dizem às rosas e as rosas me vêm dizer!!!

Guerra Junqueiro, 1103 A Voz da Poesia: Rua dos Bogaris 183 04047-020 - São Paulo/SP

Em casa há muita paz por um domingo assim. A mulher dorme, os filhos brincam, a chuva cai... esqueço-me de quem sou para sentir-me pai e ouço na sala, num silêncio ermo e sem fim, um relógio bater, e outro dentro de mim... Olho o jardim úmido e agreste: isso distrai vê-lo, feroz, florir mesmo onde o sol não vai a despeito do vento e da terra que é ruim.

Na verdade é o infinito essa casa pequena que me amortalha o sonho e abriga a desventura e a mão de uma mulher fez simples, pura e amena. Deus que é pai como eu e a estimas, porventura: quando for minha vez dá-me que eu vá sem pena levando apenas esse pouco que não dura.

Soneto de um domingo

Rio, setembro de 1944

No amor é bom ter cuidados para evitar dissabor... Nem sempre em beijos trocados trocam-se beijos de amor.

Milton Nunes Loureiro, 0703 Trova-lege Pr. Sen. José Bento 162, Ap 301 37550-000 - Pouso Alegre, MG

É infame, o milênio tércio... Ante o mercantil, afã; ver converter-se, em comércio, a sã, doutrina cristã...

Pedro Grilo, 1103 Trinos do Pitiguarí: Rua Guanabara 542 59014-180 - Nata/RN

Numa transfusão de afeto, basta só abrir os braços que o coração indiscreto, se entrega sem embaraços!

Vânia Ennes, 1003 Trovia alkalu77@gmail.com; visite: www.falandodetrova.com.br

SELEÇÕES EM FOLHA

Ano XX, Nº 03 - 2016 MARÇO

Assinatura até 31.12.16: 09 selos postais

de 1º Porte Nacional Não comercial (R\$ 1,05).

Delicie-se com obras mestras de Contos e Poesias!

www.haiku.sf.nom.br

Ofuscación, estupidez, llantos inmotivados, carcajadas locas, infantilidad, supersticiones, miedos, accesos de ira. Lucura! dicen los hombres. Primavera! cantan los ángeles. Pérdida del apetito, pérdida del sueño, pérdida de la voluntad, palidez, extenuación, fiebre fulminante, enfriamiento súbito, temblores de agonía, sudores helados, delirio, en fin!...

¡Es la muerte, dice el médico!

¡Es la vida! Canta el Amor.

Julio Herrera y Reissig, Poesía Completa y Prosas: Átomos de Luz, Scipione Cultural, 1998. - Gentileza de Raynal A. Costa

1. Preencher os haikus que desejar, (veja quigos ao lado, à escolha) num mínimo de folhas **para cada grupo (quando mais de um)**, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio e/ou e-mail com nome, **endereço e CEP** do remetente, até o dia 30 do respectivo mês.

2. À medida que cheguem seus haikus assim enviados e de **conteúdo abaixo**, serão publicados em nossas Seleções em Folha.

✧ **Paulo Franchetti**: O haicu é menos uma questão de forma do que de atitude. No

Brasil, sua métrica 5-7-5 é artificial. O exercício de sua prática é duplo. Por um lado, é um exercício de alteridade: tentar ver o mundo de um ponto de vista externo à nossa tradição internalizada. Por outro, é um caminho, um jeito de ser, uma atitude frente à vida.

PRATIQUE NESTAS SELEÇÕES! FAÇA E ENVIE SEUS HAICUS!

Até o dia 30.05.16, quigos: Camélia, Coruja, Garoa, Geada, Minuano, Poluição, Rio seco, Paina, Pau-de-sebo.

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez
Rua Des. do Vale 914, Ap 82.
05010-040 - São Paulo/SP

ou mfmendez@superig.com.br

Por isso não gosto de haikus especiosos, em que a metáfora ou jogo de palavras ou os conceitos fiquem centro da atenção. O essencial é o registro limpo de uma sensação ou percepção. Isso é o que acho que o haicu tem de diferente. Creio que com isso ele pode contribuir, trazendo

algo novo para a nossa tradição.

Se é verdade que uma criança de dez anos podia produzir mais facilmente um haicu do que um erudito, Bashô queria *é recuperar* seu olhar num contexto de erudição e de formalidade: quando escreveu que as rãs pulam para dentro do lago e fazem barulho, renunciou a todo tipo de reflexão e de investimento simbólico - a um conjunto de atitudes. Seu hocu inaugura uma nova maneira não exatamente pelo que diz, mas pelo que deixa de dizer, pelo que se recusa a continuar dizendo.

Leia este texto completo em
SF9810, Seleções em Folha OUT/98.

HAICUS BRASILEIROS



TEMAS DE OU



TONO (QUIDAI)



Céu azul prateado e o clarão da lua. Luar sobre as flores.

Ailson Cardoso de Oliveira

No céu, os relâmpagos, lá do alto, nenhum som. Uma tarde amena.

Antonio Cabral

Na mesa posta figo com creme de leite. Vovó aprontou.

Ailson Cardoso de Oliveira

Uma aratinga a cantar no antebraço. Paixão do tropeiro.

Antonio Cabral

No jardim florido, por entre as flores os grilos. Saltos e saltos.

Ailson Cardoso de Oliveira

Escorre caqui pelos lábios da menina: as mãos leva à boca.

Antonio Cabral

Clarões na janela relâmpagos sucessivos. O céu pisca-pisca.

Ailson Cardoso de Oliveira

Ninho da jandaia. Filhotes de boca aberta esperam a comida.

Cecy Tupinambá Ulhôa

Sob vento gelado, na manhã de outono: caminho ao sereno.

Antonio Cabral

No campo orvalho é como se fosse chuva. Sereno da noite.

Cecy Tupinambá Ulhôa

Festa na lagoa. Robalo chegando aos montes: berçário da espécie.

Darly O. Barros

No fim da tarde um lusco-fusco no céu. Um cão coça a orelha.

Djalda Winter Santos

O clarão da lua ilumina meu quintal. Tudo resplandece.

Djalda Winter Santos

De olhos fechados, menino se lambuzava com rubro caqui.

Djalda Winter Santos

Clarão da lua. O céu azulado, a noite suave.

Eduardo Zá

Pescador controla, o dourado luta firme. O barco balança.

Eduardo Zá

Dentro do ônibus mexericada descascada. O olor evolva.

Eduardo Zá

Relâmpagos no final da tarde. Noite serena.

Eduardo Zá

Semente da pinha comprando dos guris, replanta na roça todinha.

Fernando Soares

Após muita ação, pescador guardando a linha. Dourado inda luta.

Honorina Fonseca Louseiro

Bando de crianças. Em suas bocas caquís. Melariada só.

Honorina Fonseca Louseiro

Colheita de figos, farta. Gente nas barracas. Barateada a fruta.

Honorina Fonseca Louseiro

Através da tarde, relâmpagos sucessivos. Chegada da noite.

Honorina Fonseca Louseiro

Folhas amarelas sob árvores da rua. Outono chegou.

Honorina Fonseca Louseiro

O sereno cai, tranquilidade na serra, o clima saudável.

João Batista Serra

Clima delicioso, sereno invade a noite, vilarejo calmo.

João Batista Serra

Pássaros e insetos fazendo coreografias. Caquís maturados.

Roberto Resende Vilela

Despontar do dia. Camponeses em ação. Colheita de figo.

Roberto Resende Vilela

Colônia de férias. Crianças, jovens e adultos degustam poncãs.

Roberto Resende Vilela

Tarde de outono, o arvoredo sereno. Seguidos relâmpagos.

Roberto Resende Vilela

F O F O
Luís Fernando Veríssimo, O Estado de São Paulo 07.02.16, Caderno 2 C6.

No dia em que completaram 35 anos de casado, Valdir perguntou a Eunice:

- Posso lhe pedir uma coisa?

- Claro, fofo.

- Não me chama mais de fofo.

- Ai, fofo! Por quê?

- Porque eu não quero mais.

- Mas fofo...

- É ridículo.

- É um apelido carinhoso. Por que você nunca reclamou, antes?

Era verdade. Todos aqueles anos sendo chamado de fofo, desde o tempo de namorados, e Valdir nunca se queixara. E agora aquela rebelião.

- É o efeito cumulativo, entende? - disse Valdir, sem certeza se "cumulativo" estava

certo. - Não quero mais.

- Mas todo o mundo chama você de fofo.

- Chamam porque você chama. É gozação.

Devem rir muito de nós, nas nossas costas. Devem pensar que eu chamo você de fofo, na intimidade. Para eles, somos "os fofos".

- Você nunca me chamou de fofo.

- Porque nós não somos fofos, Eunice.

Somos de uma raça cheia de defeitos, condenada ao desespero e à morte, sem nada que nos salve. Nosso caráter é inconfiável, nosso destino é trágico, somos tudo menos fofos.

- Valdir, eu nunca vi você amargo assim!

- Pois agora está vendo como eu não sou fofo. Ninguém é fofo.

- Mas você não acha que a gente deve-

ria... deveria...

- Deveria o que Eunice?

- Deveria viver como se fôssemos fofos?

Pelo menos um para o outro.

- Você quer dizer viver uma mentira?

- Não, mas também não desistir. Se fingir de fofos para não acabar desse jeito, amargos como você, depois de 35 anos.

- A vida é um absurdo e nada faz sentido.

- Viu só como você ficou, fofo?

- Fofo não.

- Como é que eu posso chamar você, então?

- Dico.

- Dico?!

- Era como a minha mãe me chamava...

- Dico. E olha aí, você ficou comovi-

do! Que fofura.

Miséria de pão maltrata...

Mas quanta gente, Senhor,

sabeis que morre ou se mata

quando há miséria de amor!

Lilinha Fernandes, 1102 Trovia

Um bom caráter eu meço

por duas simples premissas:

humildade ante o sucesso

e altivez ante injustiças.

Miguel Russowsky, 1102 Trovia

alkalu77@gmail.com; visite: www.falandodetrova.com.br

ficou comovi-

No vagão do

metrô, teve a

impressão

repentina

que ela

movia as

contas do

rosário.

Engano.

Digitava

sófreqamen-

te no celular.

Manolo

Era uma vez uma bruxa velha que morava em Paris, no bairro dos Gobelins. Era uma bruxa muito velha mesmo, e muito feia, mas o maior desejo dela era se transformar na moça mais linda do mundo.

Um belo dia, ela viu um anúncio no *Jornal das Bruxas*:

MINHA SENHORA!

Se a senhora é VELHA e FEIA pode tornar-se JOVEM e BONITA!

É só

COMER UMA MENINA com molho de tomate!

E, mais embaixo, com letras menores:

Atenção!

É indispensável que o nome da menina comece com a letra N!

Ora, naquele bairro havia uma menina que se chamava Nádia. Era a filha mais velha do Seu Said, o dono da mercearia da rua Brocá.

"Tenho que comer a Nádia", pensou a bruxa.

Certo dia, a Nádia estava indo até a padaria, quando uma velhinha começou a puxar conversa com ela.

- Bom dia, Nádia!
- Bom dia, minha senhora!
- Pode me fazer um favor?
- Que favor?

- Querida que você me trouxesse uma lata de molho de tomate da mercearia do seu pai. Assim não preciso ir até lá. Ando tão cansada...

Nádia, que tinha um coração muito bom, concordou na hora. Assim que a menina virou as costas, a bruxa - pois a velhinha era a bruxa - começou a rir, esfregando as mãos.

- Puxa, como sou esperta! - ela dizia. A Nádia mesmo vai trazer o molho de tomate para eu pôr em cima dela.

Chegando em casa com o pão, Nádia pegou na prateleira uma lata de molho de tomate, e já ia saindo quando o pai chamou:

- Ei, onde é que você vai?
- Uma velhinha me pediu para eu levar uma lata de molho de tomate à casa dela.
- Nada disso - disse o Seu Said. - Se a tal velhinha estiver precisando de alguma coisa, ela que venha buscar.

Nádia, que era muito obediente, não insistiu. Mas no dia seguinte, quando ela saiu para fazer compras, a velhinha chamou de novo:

- Como é, Nádia! E meu molho de tomate?

- Desculpe - disse Nádia, corando -, mas o meu pai não deixou. Ele disse que é para a senhora mesmo ir buscar.

Está bem - disse a velha -, eu vou.

De fato, naquele mesmo dia ela foi à mercearia:

- Bom dia, Seu Said.
- Bom dia, minha senhora. O que deseja?
- Eu queria a Nádia.
- Hein?
- Ah, desculpe... quer dizer: uma lata de molho de tomate.

- Pois não! Grande ou pequena?
- Grande, é para pôr na Nádia...
- O quê?

- Não é nada disso, eu quis dizer que é para pôr no macarrão...

- Ah, tudo bem! Se quiser, também tenho macarrão...

- Não precisa, não, já tenho a Nádia...
- Como?
- Desculpe, eu quis dizer que já tenho macarrão em casa...

- Então... aqui está seu molho de tomate. A velha pegou o molho de tomate e pagou, mas em vez de ir embora ficou parada com a lata na mão:

- Hum! É meio pesado... Será que não daria para o senhor...

- O quê?
- Mandar a Nádia levar para mim?

Mas o Seu Said já estava meio desconfiado.

- Não, minha senhora, não fazemos entrega a domicílio. E a Nádia tem mais o que fazer. Se a lata é pesada demais para a senhora, paciência, é só deixá-la aqui!

- Tudo bem - disse a bruxa. - Pode deixar que eu levo. Até logo, Seu Said.

- Até logo, minha senhora.

E a bruxa foi-se embora, levando a lata de molho de tomate. Chegando em casa, ela pensou:

"Tenho uma ideia. Amanhã de manhã vou até a rua Mufetar, disfarçada de vendedora. Quando a Nádia for fazer compras, eu pego ela..."

No dia seguinte, lá estava a bruxa disfarçada de açougueira, quando a Nádia chegou.

- Bom dia, menina. Vai levar carne?
- Não, obrigada, vou comprar frango.

"Droga!", pensou a bruxa.

No dia seguinte ela se disfarçou de vendedora de frangos.

- Bom dia, garota, quer comprar um frango?

- Não, obrigada, hoje vou levar carne.

- "Droga, droga!", pensou a bruxa.

No terceiro dia, outra vez disfarçada, ela estava vendendo carne e frango.

- Bom dia, Nádia, bom dia! O que você vai levar? Veja só, hoje estou vendendo de tudo: carne de vaca, de carneiro, frango, coelho...

- Pois é, mas hoje eu quero peixe!

- "Droga, droga, droga!"
- A bruxa voltou para casa e ficou

pensando, pensando, até que teve outra ideia:

"Tudo bem, já que é assim, amanhã de manhã vou me transformar em TODAS as vendedoras da rua Mufetar!"

De fato, no dia seguinte todas as vendedoras da rua Mufetar eram a bruxa (267 vendedoras).

Como sempre, Nádia chegou e, sem desconfiar de nada, parou na quitanda para comprar legumes. Comprou umas ervilhas e, quando foi pagar, a vendedora a agarrou pelo pulso e clac! trancou-a na gaveta da caixa,

Felizmente Nádia tinha um irmãozinho chamado Bachir. Como a irmã mais velha estava demorando para voltar para casa, Bachir pensou:

"Decerto a bruxa pegou minha irmã, preciso ir atrás dela."

O menino passou a mão no violão e lá se foi para a rua Mufetar. Quando foi chegando, as 267 vendedoras (que eram a bruxa) começaram a gritar:

- Onde você está indo, Bachir?
- Bachir fechou os olhos e respondeu:
- Sou um pobre ceguinho, queria cantar uma canção para ganhar uns trocados!
- Que canção: - perguntaram as vendedoras.

- Quero cantar uma canção que se chama *Nádia, onde está você?*

Não, essa não, cante outra!

- Mas eu só sei essa!

- Então cante bem baixinho!

- Tudo bem, vou cantar baixinho!

E Bachir começou a cantar bem alto:

Nádia, onde está você?
Nádia, onde está você?
Responda que eu escuto!
Nádia, onde está você?
Nádia, onde está você?
Há tanto tempo não a vejo.

- Mais baixo! Mais baixo! gritaram as 267 vendedoras. - Desse jeito você vai arrebentar nossos ouvidos!

Mas Bachir continuou a cantar:

Nádia, onde está você?
Nádia, onde está você?

De repente, uma vozinha respondeu:

Bachir, Bachir, venha me soltar senão a bruxa vai me matar!

Ouvindo essas palavras, Bachir abriu os olhos, e as 267 vendedoras pularam em cima dele, gritando:

- É um cego falso! É um cego falso!

Mas Bachir, que era muito corajoso, levantou seu violãozinho e deu com ele na cabeça da vendedora que estava mais

perto. Ela caiu dura, e ao mesmo tempo as outras 266 também caíram.

Então Bachir foi entrando em todas as lojas, uma por uma, sempre cantando:

Nádia, onde está você?
Nádia, onde está você?

Mais uma vez, a vozinha respondeu:

Bachir, Bachir, venha me soltar senão a bruxa vai me matar!

Dessa vez não havia dúvida: a voz vinha da quitanda. Bachir entrou na loja, pulou por cima do balcão, bem na hora em que a vendedora estava acordando do desmaio e abriu um olho. Ao mesmo tempo, as outras 266 também abriram um olho. Felizmente, Bachir percebeu e, com uma pancada de violão bem dada, fez todas desmaiarem por mais alguns minutos.

Então, ele tentou abrir a gaveta da caixa, enquanto Nádia continuava a cantar:

Bachir, Bachir, venha me soltar senão a bruxa vai me matar!

Mas a gaveta estava emperrada e Bachir não conseguia abri-la. Nádia cantava e o irmão tentava... e enquanto isso as 267 vendedoras acordaram de novo. Mas desta vez elas não abriram os olhos! Ficaram de olhos fechados e foram todas se arrancando devagarinho até a quitanda, para cair o Bachir.

O menino estava exausto e não sabia mais o que fazer. Então ele viu um marinheiro alto, jovem, de ombros largos, que vinha descendo a rua.

- Bom dia, marinheiro, quer me fazer um favor:

- Que favor?
- Levar esta caixa até nossa casa. Minha irmã está presa dentro dela.

- E o que é que eu ganho em troca?

- Você fica com o dinheiro e eu fico com a minha irmã.

- Combinado!

Bachir levantou a caixa e já ia passá-la para o marinheiro quando a vendedora de legumes, que tinha se aproximado devagarinho, agarrou o pé dele e começou a guinchar:

- Ah, bandido, peguei você!

Bachir perdeu o equilíbrio e largou a caixa. A caixa, que era muito pesada, caiu bem em cima da cabeça da vendedora. Com isso, as 267 vendedoras caíram com a cabeça esmagada. Dessa vez a bruxa morreu, e bem morta.

Mas não foi só isso. Com a pancada, a gaveta da caixa abriu e a Nádia saiu.

Ela beijou o irmãozinho, agradeceu, e os dois voltaram para a casa dos pais, enquanto o marinheiro catava o dinheiro da bruxa.

G Ê N E S I S - C A P Í T U L O 2 9

A solicitude de Jacó à prima pastora Raquel nos fica duvidosa. Ele deslocou a pedra do poço para que as ovelhas de Labão, pai de Raquel, bebessem da sua água. Teria ele deslocado a pedra por ser prima, ser pastora, ou futura esposa? Jacó beijou Raquel depois disso. Como imaginamos tal beijo? Ele a teria pego delicadamente pelos ombros e beijado suas duas faces, expressando nesse gesto o carinho de parente e primo, como parte de uma saudade da família. Ou a teria abraçado bruscamente e beijado uma das faces com ardor, desesperado com um encontro de tal importância, tanto pelo parentesco como pelo futuro de ambos. Ou a teria pego pela cintura com uma das mãos e segurado sua cabeça com a outra, enquanto lhe beijava a boca sedenta do deserto, sem se importar com parentesco algum, deixando assim os outros pastores presentes indignados pela ousadia. Talvez Jacó a tivesse beijado

suavemente numa das faces, seguindo um abraço necessário para preencher seu vazio, que encontrou eco no parentesco que os fazia íntimos. O beijo expressou a felicidade desse encontro, o carinho familiar de um bom homem, a necessidade de um imediato conforto, um quase desespero ante a moça que, sabia, podia tornar-se sua esposa.

Ao beijo, seguiu-se o choro. Jacó chorou. E como imaginamos tal choro? Talvez ele tenha parado à sua frente, depois do beijo e tenha deixado, simplesmente, correr as lágrimas de seus olhos, imóvel, sem mudar as expressões de seu rosto. Ou talvez, tenha posto as mãos diante dos olhos, baixado levemente a cabeça, e murmurando qualquer coisa, encurvando as sobrancelhas. Ou se tenha sentado sobre a pedra deslocada do poço, posto a cabeça entre as mãos, apertando os olhos, enquanto soluçava baixinho. E por que Jacó chorara depois do beijo de Raquel? Teria sido um

beijo muito doce, e por isso doído para ele? Teria sido um beijo frio, e também doído para ele? Ou teria sido pela felicidade de beijar Raquel que seu peito se curvou de uma certa dor estranha, fazendo dos olhos outro poço d'água?

O gesto mais bonito de Jacó, talvez durante toda a vida, o mais comovente, foi o beijo que deu na prima seguido com um choro desesperado de alegria, mas ainda assim cheio de dor. O beijo em si é cheio de dor, quando se sabe sua situação. E não só a Jacó existe dor no beijo. Sente-se muita felicidade num ato como esse, e a dor é uma consequência de um sentimento profundo, que só encontra meios de vazão pelo choro.

E o que Rodin, por exemplo, estava pensando quando esculpiu "O Beijo"? "O beijo" de Rodin também exala dor, como ondas de um doce perfume, que lentamente

nos envolve e atinge o peito. É no peito que sentimos a dor de um beijo verdadeiro e profundo, como um inchaço de órgãos, uma explosão de artérias. Rodin devia ter em mente as mais ternas lembranças, de beijos suaves e verdadeiros. É sua escultura cheia de dor, de um ato puro, da nudez do ato. Rodin conseguiu exprimir a dor de dentro do seu peito pelas mãos, num monumento lírico.

Talvez Jacó tivesse rido da forma com que o beijo foi tratado por ele, se o visse. Mas Jacó preferiu a realidade de um beijo em Raquel, não uma ilusão, uma fonte mágica de dor que foi o beijo de Rodin. Jacó sentiu a própria dor, num beijo que continha toda uma suavidade... a suavidade crua de Rodin. Nós os enviamos, por compreenderem o quão importante é o ato fiel, dividirem as dores de um beijo poético, por poderem sentir na carne o que se quer expressar em letras.

Janine Sattler, O beijo - Antologias, 1998, Casa do Novo Autor - Litteris Editora.

B E L C H I O R

Eu estou muito cansado do peso da minha cabeça, desses dez anos passados (presentes) vividos entre o sonho e o som.

Eu estou muito cansado de não poder,

de não poder falar palavra sobre essas coisas sem jeito que eu trago em meu peito e que eu acho tão bom.

Quero uma balada nova falando de brotos, de coisas assim: de money, de banho de lua, de ti e de mim, um cara tão sentimental.

Quero a sessão de cinema das cinco pra beijar a menina e levar a saudade na camisa toda suja de batom.

Todo sujo de batom